

Escola Livre de Teatro é referência nacional

Jovens de diferentes estados participam da seleção

Sara Saar



São grandes as perspectivas para a ELT (Escola Livre de Teatro), já consolidada como projeto de referência nacional. Dentro de 40 anos, diversas ações devem ser realizadas, conforme projeto a coordenadora pedagógica Juliana Monteiro.

De forma geral, visa-se a ampliação da escola, que hoje abraça o Teatro Conchita de Moraes (Praça Rui Barbosa, 12. Tel.: 4996-2164). “Vejo três salas de teatro em diferentes formatos: um palco italiano, mais tradicional, uma arena e um galpão vazio com arquibancadas retráteis”, enumera. Servirão como palcos de exercícios para os aprendizes e palcos de mostras para a população.

Concluída a expansão, os processos seletivos serão menos angustiantes para os mestres, que poderão escolher número maior de candidatos. Hoje, cerca de 40% dos inscritos conseguem vagas entre os diversos núcleos: formação de ator, direção, dramaturgia, teatro laboratório, interpretação, máscara teatral e pedagogia.

É recorrente jovens de diferentes Estados se inscreverem. Exemplo é a piauiense Aila Rodrigues, 28 anos, que concluiu o Núcleo de Formação 11, no ano passado. O estímulo à autonomia artística, uma das propostas pedagógicas, foi decisivo para ela. “Antes, se pedissem para criar uma cena, não sabia por onde começar. Hoje,



Entre as ações, Juliana Monteiro projeta a ampliação do espaço físico

posso partir de vários lugares”, declara a jovem.

Na busca de um diálogo mais horizontal, aprendizes e orientadores igualam-se na posição de pesquisadores da arte. “Esse princípio foi importante porque me deu voz. Pude expressar coisas que eu nem sabia que tinha, instigada pelos mestres”, conta a atriz.

Nos últimos anos, os aprendizes – que têm em média 25 anos – chegam na escola sem experiência ou com algum contato, na intenção de amadurecer. Na ELT, os conteúdos são mobilizados de acordo com o repertório dos mestres e o perfil de cada turma. Outras projeções citadas pela coordenadora envolvem: promoção de festivais, intercâmbio entre escolas de teatro do Estado e inserção cada vez maior de munícipes na ELT enquanto espectadores.

Demanda deste crescimento será a contratação de mestres, cujo perfil é delineado pe-

la vontade de compartilhar experiências e pela execução teatral para além da ELT. Enquanto espaço que fomenta a provocação, a escola avançou desde a sua criação em 1990. “O ponto é não estacionar, não se acomodar em modelos e formas que engessam, principalmente por se tratar do teatro, uma arte tão efêmera”, posiciona-se Juliana.

Reflexo deste avanço é a influência que exerce pelo Brasil afora, servindo de exemplo para experiências como o Galpão Cine-Horto, de Minas Gerais; a Escola Livre, de Florianópolis; e a São Paulo Escola de Teatro, na Capital.

Na ELT, a dimensão profissional acompanha a dimensão humana. “Refletimos sobre a maneira do ator criar, olhar para o mundo e se expressar. Qualquer criação fala da relação do ser humano com o mundo. Não haveria possibilidade de desvincular isso”, defende. ▲

Atividades apresentam possibilidades do cinema

Luís Felipe Soares

▼ O audiovisual também encontra espaço na tradição das escolas livres. O universo do cinema e as possibilidades provenientes dele movimentam as ações da ELCV (Escola Livre de Cinema e Vídeo). No ano em que completa dez anos de atividades, o centro cultural busca passar em suas aulas e ações uma dinâmica que se assemelha à movimentação existente dentro de um grande set cinematográfico.

Todas as ações ocorrem em torno do curso de Formação, com duração de três anos e grade curricular que permite que o aluno possa ter contato com as diversas áreas existentes dentro do cinema. “O objetivo central do projeto é abrir um leque de possibilidades para os alunos”, explica Sérgio Pires, coordenador da ELCV.

Os responsáveis buscam encontrar uma cara para cada turma e desenvolver maneiras de explorar essas particularidades. Para isso, a esco-

lha de professores certos é fundamental. Além de terem uma boa didática, os convidados para transmitir suas experiências no mercado do cinema (e não somente no mercado do audiovisual) têm a missão de provocar e instigar os alunos e, até mesmo, a própria ELCV.

O canal aberto de diálogo entre alunos, professores e os responsáveis pela coordenação do espaço tem sido um dos diferenciais. “A relação tem sido positiva, desde quando recebemos elogios e até críticas. Isso também é fruto da diversidade encontrada por aqui, desde em relação à faixa etária até quanto à formação. A escola iniciou um diálogo que hoje se tornou uma conversa.”

Os trabalhos realizados pela entidade estão prestes a serem reunidos em DVDs especiais que devem estar disponíveis em agosto, mês de aniversário da escola. A ELCV funciona na Avenida Utinga, 136. Mais informações podem ser adquiridas pelo telefone 4997-2155. ▲



Fotos: Nário Barbosa

‘A Escola iniciou um diálogo que se tornou uma conversa’, diz Sérgio Pires